

INÍCIO, MEIO E FIM – O DUPLO EM TRÊS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

Josiane Aparecida Franzó*

Resumo: A proposta deste estudo é identificar em alguns contos de Machado de Assis a dualidade humana e suas contradições, visto que o escritor, convivendo numa sociedade marcada por grandes transformações e tendo a consciência do seu papel enquanto cidadão, transplanta para sua obra toda a inquietação e aflição do homem do século XIX. Um homem fraturado, fissurado em sua identidade; um homem que, ao ter que repensar sua posição nesse mundo novo que se apresenta, é envolto numa crise existencial, oscilando entre o bem e o mal.

Palavras-chave: Machado de Assis. Homem. Dualidade. Contradição.

Resumen: El objetivo de este estudio es determinar en algunos cuentos de Machado de Assis la dualidad humana y sus contradicciones, como el escritor, que vive en una sociedad marcada por grandes cambios y, consciente de su papel como ciudadano, transplanta por su trabajo a lo largo de preocupación y la angustia de este hombre del siglo XIX. Un hombre fracturado, violado su identidad; un hombre que, al tener que replantearse su posición en este nuevo mundo que se presenta, está envuelto en una crisis existencial, vacilando entre el bien y el mal.

Palabras-clave: Machado de Assis. Hombre. Dualidad. Contradicción.

No século XVIII, com o Iluminismo, há a noção de indivíduo, o homem passa a ser o centro e se inicia a busca de respostas para as questões que, até então, eram justificadas somente pela fé. Para os filósofos iluministas, o homem era naturalmente bom, porém era corrompido pela sociedade com o passar do tempo. Eles acreditavam que se todos fizessem parte de uma sociedade justa, com direitos iguais, a felicidade comum seria alcançada. Também pregavam que somente o conhecimento poderia arrancar o homem das trevas da ignorância.

No século seguinte o ambiente sócio-cultural europeu apresenta significativas mudanças. A civilização burguesa, industrial e mecânica começa a se firmar. As idéias de liberalismo e democracia ganham dimensões cada vez maiores. As ciências naturais desenvolvem-se e os métodos de experimentação

* Mestranda em Literatura Brasileira pela UFSC.

e observação da realidade passam a ser encarados como os únicos capazes de explicar racionalmente o mundo físico.

Algumas doutrinas científico-filosóficas da época deixaram marcas visíveis na produção literária. Hegel divulga a sua *Dialética do Processo Racional*, segundo a qual qualquer raciocínio pode ser lógico, desde que seja estruturado na trilogia seqüencial “tese – antítese – síntese”. O Positivismo de Augusto Comte defendia a importância da ciência para a sociedade humana. Ele considerava que a Teologia e a Metafísica poderiam ser abandonadas, pelo fato de a realidade ser concreta, objetiva e lógica, o que permitia a análise lógica e experimental. Mais ainda: tudo poderia ser explicado e entendido por todos. Calcado nessa teoria, Proudhon lançou as bases do pensamento socialista da igualdade.

A publicação de *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, eliminou a aura de espiritualidade e misticismo que o idealismo romântico conferia ao ser humano, encarando-o como parte de uma grande cadeia alimentar, nivelando-o com outros seres vivos. O livro, que contou com a forte oposição da Igreja, teve um extraordinário sucesso de público, comprovando a curiosidade geral em torno do tema e das novas idéias evolucionistas.

Entretanto, a teoria filosófica que mais influência teve sobre as artes desse período foi o Determinismo de Hipólito Taine, que explicava todas as ocorrências humanas e sociais pelo condicionamento do indivíduo ao meio, à raça ou ao fato histórico. Por essas idéias, o homem é a presa do ambiente em que vive ou viveu, ao qual se soma a hereditariedade. A partir daí, dimensiona-se o Pessimismo de Schopenhauer, para quem o homem estava fadado à dor e ao sofrimento, já que a felicidade era sempre ilusória.

A realidade brasileira clamava por interpretações capazes de descobrir o funcionamento contraditório de seus mecanismos fundadores. Sob uma capa de tranquilidade político-institucional, na qual os partidos funcionavam regularmente, encontrava-se um grande vazio ideológico, que tornava esses partidos indistintos entre si. Ideologicamente, as elites brasileiras conseguiam a proeza de fazer conviver o ideário liberal com a defesa da escravidão. Isso tudo criava uma tensão entre a aparência e a essência da vida nacional, que seria abordada, por vezes abertamente, por vezes alegoricamente, pelos escritores do período.

Machado de Assis, atento a essas transformações, soube passar para suas tramas o dilema e a inquietação pela qual passava esse homem do século

XIX. Um homem que era testado continuamente, transitando pela fronteira não bem demarcada entre o bem e o mal, numa posição desconfortável diante de uma sociedade hipócrita em que o “parecer” é mais importante que o “ser”.

Como busca compreender os mecanismos que comandam as ações humanas, sejam elas de natureza espiritual ou decorrentes da ação que o meio social exerce sobre o indivíduo, o escritor busca inspiração nas ações rotineiras do homem. Penetrando na consciência das personagens para sondar-lhe o funcionamento, mostra - de maneira impiedosa e aguda - vícios como a vaidade, a futilidade, a ambição, a inveja, o adultério, a avareza, entre outros. Ao captar sempre os impulsos contraditórios existentes em qualquer ser humano, torna-se difícil classificar suas personagens em boas ou más. Nas palavras de Candido (1970), as obras machadianas possuem uma ambigüidade gnosiológica que se junta à ambigüidade psicológica para dissolver os conceitos morais e suscitar um mundo escorregadio, onde os contrários se tocam e se dissolvem. Já Salvatore D’Onofrio (1983) afirma que a ironia ou pessimismo de Machado é fruto do seu desencanto da vida humana e da crença nos valores ideológicos.

Desencanto ou não, o fato é que ao escancarar suas personagens, mostrando suas mais profundas intenções, desejos e faltas, e a maneira como as dispõe nas tramas, Machado acaba despertando em seus leitores uma curiosidade e, de certa forma, um desconforto com esses novos tipos que transitam em suas histórias. Dizemos novos tipos porque nos defrontamos com personagens completamente diferentes das comumente idealizadas em outras obras do mesmo período. Esse homem deixa de desempenhar o papel de herói perfeito, que luta em prol do bem comum - do conjunto - para ser apenas um homem absolutamente normal, do dia-a-dia, sem grandes ações que o dignifiquem. Comum, com sua personalidade contraditória, ele se vale de suas atitudes paradoxais como respostas às situações que se apresentam em seu caminho.

Observando as inúmeras personagens conflitantes que perpassam pela obra machadiana, principalmente na sua segunda fase, não podemos deixar de acreditar que de certa forma ele aproveita sua posição de narrador para mostrar, criticar e denunciar não o homem em si, mas a sociedade moldadora desse sujeito que surge. Isso, claro, tendo em mente que nem sempre a forma literária representa o espelhamento da forma social.

Tradicionalmente os críticos defendem que a obra de Machado de Assis está dividida em duas fases, e que seus melhores escritos se dão após

*Memórias Póstumas de Brás Cubas*¹. Fala-se em um escritor mais maduro, consciente de seu papel enquanto escritor – e, também, irônico e cético em relação à sociedade vigente. Sobre esse amadurecimento literário de Machado, Schwarz (1998) afirma que:

O narrador volúvel, que organiza as Memórias póstumas, vem resolver um problema que se armou em 1822, com a independência do país, e que foi sendo elaborado mais ou menos conscientemente por um bom número de escritores brasileiros, sendo que alguns emendavam nos outros, somando e aprofundando esforços, até que, de repente, aparece um que resolve tudo, e esse então é um grande escritor. (SCHWARZ, 1998).

Gledson (1986) nos mostra a opinião nada favorável de Lúcia Miguel-Pereira em relação ao romance *Casa Velha*, de Machado. Lúcia considera que essa obra, sendo publicada em 1885 e, portanto, depois de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, revela “uma visão do mundo que já não era a do seu autor”. Segundo Gledson (1986),

A condenação de Casa Velha por Lúcia Miguel-Pereira foi orientada por esse consenso referente ao que era “o melhor Machado” e o que, “conseqüentemente”, deveria pertencer a um período anterior e imaturo. Em geral o que era irônico, pessimista e psicologicamente sutil foi considerado melhor, e portanto posterior, e o que era romântico, otimista e moralista, tido como anterior. (GLEDSON, 1986, p.27).

Mesmo para os mais leigos leitores é fácil admitir que nessa “segunda fase machadiana” os personagens são mais elaborados, construídos sob a ótica da psicologia e nos revelam o egoísmo, o pessimismo e o negativismo do ser humano. Candido (1970), em seu *Esquema de Machado de Assis*, assim define o escritor:

Sob o rapaz alegre e mais tarde o burguês comedido que procurava ajustar-se às manifestações exteriores, que passou convencionalmente pela vida, respeitando para ser respeitado, funcionava um escritor poderoso e atormentado, que recobria os seus livros com a cutícula do respeito humano e das boas maneiras para poder, debaixo dela, desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir

¹ Assim se daria essa divisão: a primeira, com romances quase didáticos e pedagógicos, vai até Iaiá Garcia (1878); a segunda inicia a partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880) em que o autor adota uma postura mais direta e agressiva em relação ao leitor.

Início, meio e fim - o duplo em três contos de Machado de Assis

da sociedade, de expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade. (CANDIDO, 1970).

Descrição parecida faz o narrador do conto *A Causa Secreta*, em relação à personagem Garcia:

Este moço possuía em gérmen a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo. (ASSIS, 1970, p.111).

D’Onofrio (1983), ao fazer um estudo estrutural sobre o conto “*O Enfermeiro*”, tece um comentário sobre a personagem principal da narrativa:

Procópio é um ator machadiano por ser a encarnação artística de *l'uomo qualunque*, do homem do dia-a-dia, nem totalmente bom nem totalmente mau, vítima das circunstâncias que o tornam ora benéfico ora maléfico, sem chegar nunca a ser completamente um “santo” ou completamente um demônio. E é a fatalidade a mola ativadora das qualidades boas ou ruins que cada homem encerra dentro de si. (D’ONOFRIO, 1983, p.169).

Essa descrição do caráter de Procópio por D’Onofrio (1983) caberia a qualquer outra personagem de Machado. Indivíduo do dia-a-dia, nem totalmente mau nem totalmente bom, que se *acomoda egoisticamente às circunstâncias e delas usufrui, colocando a felicidade no gozo das pequenas vantagens que a sorte benévola e a máscara social lhe proporcionam*. (D’ONOFRIO, 1983, p.169).

Visando a atestar essa ambigüidade, pegamos como exemplo três contos de Machado que possuem como tema a religião (entre outros temas) e os colocamos em uma ordem que consideramos ser o ciclo do homem na Terra: nascimento - origem em *Adão e Eva* (ASSIS, 1970); vida - modo de viver em *Entre Santos* (IDEM); e morte - chance de uma nova vida em *A Segunda Vida* (ASSIS, 1984b).

Essas histórias giram em torno dos prazeres terrenos, do livre arbítrio e da eterna contradição humana e, ao contrário da maioria dos contos de Machado, cujos títulos normalmente dão poucas pistas sobre o assunto a ser tratado, estes já apontam uma direção, preparando para uma leitura de temas bíblicos supostamente já conhecidos pelo leitor, independentemente da crença a que ele pertença. Mas engana-se quem acredita que, ao tratar de questões

religiosas, Machado ameniza suas críticas. Ao contrário, nesses contos estão, senão todos, os piores pecados terrenos. Muitas das ações praticadas nas tramas se dão com muita luta interior, o que sugere a dualidade inerente em cada indivíduo.

Para ilustrar essa dualidade começemos pelo “princípio de tudo” da jornada humana, segundo a Bíblia - *Adão e Eva*. De início algumas pessoas estão à mesa e, após a inquirição de um convidado sobre qual doce seria servido, inicia-se uma discussão acerca da origem da curiosidade: se esta era masculina ou feminina e, conseqüentemente, quem seria o culpado pela expulsão do paraíso – Adão ou Eva.

O juiz-de-fora, descrito como jovial e inventivo, começa então a narrar a história bíblica a seu modo, invertendo o autor da criação. Conforme o narrador, o Diabo é o responsável pela invenção do universo e tudo que há nele, sendo Deus o co-autor, não menos importante, pois é ele que dá a essência às coisas e corrige as “imperfeições” das coisas criadas pelo “Tinhoso”. E, entre essas coisas criadas pelo Diabo, está o homem. Mas o Diabo, como não poderia deixar de ser, dota sua criatura com qualidades que condizem com seu interesse, e cabe a Deus corrigir também essa imperfeição, dando-lhe alma e “sentimentos nobres, puros e grandes”.

Entretanto, sendo esse homem produto de dois criadores – o corpo gerado por um e a alma por outro – seria impossível que o mesmo não apresentasse dualidade em sua personalidade. Antes de receberem o sopro de Deus com tais “sentimentos nobres”, Adão e Eva apresentavam intenções nada inocentes entre si: *Eva, antes que Deus lhe infundisse os bons sentimentos, cogitava de armar um laço a Adão, e Adão tinha ímpetos de espancá-la.* (ASSIS, 1970, p.144).

Já estando no Éden e tendo sua curiosidade aguçada pela serpente, Eva tem por um momento a possibilidade de escolher entre continuar no paraíso terrestre ou ter conhecimento da “origem das coisas e o enigma da vida”; entre ser única mulher ou todas as mulheres:

Néscia! Para que recusas o resplendor dos tempos? Escuta-me, faze o que te digo, e serás legião, fundarás cidades e chamar-te-ás Cleópatra, Dido, Semíramis; darás heróis do teu ventre, e serás Cornélia; ouvirás a voz do céu, e serás Débora; cantarás e serás Safo. E um dia, se Deus quiser descer à terra, escolherá as tuas entranhas, e chamar-te-ás Maria de Nazaré. (ASSIS, 1970, p.147-148).

Com o aval de Adão, Eva acaba optando pela vida no paraíso sem *ciência, poder e ilusões da terra*, e assim, “atônitos e confusos”, conseguem a admiração de Deus e dos anjos, deixando para o Diabo a terra e todas as criaturas “inferiores”, indignas de adentrar ao céu. Curiosamente, após a ascensão dos escolhidos, tudo o que resta na terra possui qualidades por demais humanas: maléficas, daninhas, peçonhentas, impuras, rastejantes, bajuladoras. Ou seja, independente da escolha de Eva, a terra e tudo que nela habita está condenada à danação. É uma grande ironia. É a ironia de Machado.

Quando termina seu relato, o juiz-de-fora pede um pouco mais de doce *enquanto os outros convivas olhavam uns para os outros embasbacados; em vez de explicação, ouviam uma narração enigmática, ou pelo menos aparente*. (ASSIS, 1970, p.150). É a mesma impressão que fica nos leitores de Machado, que não afirma nem nega, simplesmente se abstém – graceja, redefine, conta história. (GLEDSON, 1998).

O fecho do conto mostra uma personagem (o juiz-de-fora) que tem prazer em desfrutar as volúpias terrenas, conformada diante da perda do paraíso. É a aceitação do gosto pelo proibido, preconizado desde o mito bíblico. Eva, quando come do fruto proibido, tem os olhos abertos para o conhecimento, passando a ter consciência do Bem e do Mal. E, querendo ser maior que Deus, cai (expulsão do paraíso). Esse pecado original teria um caráter dual, sendo negação e afirmação. Livrar-se desse pecado e receber ajuda divina é o que parecem desejar algumas das personagens do conto *Entre Santos*.

Em primeira pessoa, um velho padre narra um fato extraordinário que lhe aconteceu muito tempo atrás, quando era capelão da igreja de São Francisco de Paula. Numa certa noite, ao perceber que havia luzes em sua capela, o padre, preocupado, se arma de coragem e vai até seu interior, no intuito de desvendar a origem de tais luzes. Surpreendentemente, o capelão percebe um diálogo de vozes “*não cochichadas nem confusas, mas regulares, claras e tranqüilas, à maneira de conversação*”. Mais surpreendente ainda, para o capelão, é tomar conhecimento de que os donos de tais vozes misteriosas pertenciam a alguns santos que haviam deixado suas posições de estátuas e assumido a forma humana. Estavam todos ali reunidos, confabulando: São Francisco de Paula, São José, São João, São Francisco de Sales e São Miguel:

Tinha sido tal a minha estupefação que eles continuaram a falar, creio eu, sem que eu sequer ouvisse o rumor das vozes. Pouco a pouco, adquiri a percepção delas e pude compreender que não tinham interrompido a

conversação; distingui-as, ouvi claramente as palavras, mas não pude colher desde logo o sentido. Um dos santos, falando para o lado do altar-mor, fez-me voltar a cabeça, e vi então que S. Francisco de Paula, o orago da igreja, fizera a mesma cousa que os outros e falava para eles, como eles falavam entre si. As vozes não subiam do tom médio e, contudo, ouviam-se bem, como se as ondas sonoras tivessem recebido um poder maior de transmissão. Mas, se tudo isso era espantoso, não menos o era a luz, que não vinha de parte nenhuma, porque os lustres e castiçais estavam todos apagados; era como um luar, que ali penetrasse, sem que os olhos pudessem ver a lua; comparação tanto mais exata quanto que, se fosse realmente luar, teria deixado alguns lugares escuros, como ali acontecia, e foi num desses recantos que me refugiei. Já então procedia automaticamente. A vida que vivi durante esse tempo todo, não se pareceu com a outra vida anterior e posterior. Basta considerar que, diante de tão estranho espetáculo, fiquei absolutamente sem medo; perdi a reflexão, apenas sabia ouvir e contemplar. (ASSIS, 1970, p.31-33).

Nessa atitude de expectador, o capelão percebe que os santos estão descrevendo as orações e súplicas de seus devotos daquele dia: *Todos eles, terríveis psicólogos, tinham penetrado a alma e a vida dos fiéis, e desfibravam os sentimentos de cada um como os anatomistas escalpelavam um cadáver.* (ASSIS, 1970, p.33). O religioso nota também que as críticas dos santos aos seus devotos não são nada celestiais, principalmente São João Batista e São Francisco de Paula, descritos como fervorosos penitentes: *Era assim, segundo o temperamento de cada um, que eles iam narrando e comentando.* (ASSIS, 1970, p.33).

São João Batista chega a dizer que começa a descrer dos homens. Entretanto, São Francisco de Sales corre em socorro da humanidade afirmando que *os homens não são piores do que eram em outros séculos, e arremata: descontemos o que há neles de ruim, e ficará coisa boa* (ASSIS, 1970, p.34). Em seguida relata a história de uma adúltera que rogava a ele que lhe *limpasse o coração da lepra da luxúria* (ASSIS, 1970, p.34), mas sua vontade e sua fé são por demais fracas e ela acaba por desistir de abandonar sua vida de pecadora:

Vinha pedir-me que lhe limpasse o coração da lepra da luxúria. Brigara ontem mesmo com o namorado, que a injuriou torpemente, e passou a noite em lágrimas. De manhã, determinou abandoná-lo e veio buscar aqui a força precisa para sair das garras do demônio. Começou

rezando bem, cordialmente; mas pouco a pouco vi que o pensamento a ia deixando para remontar aos primeiros deleites. As palavras paralelamente, iam ficando sem vida. Já a oração era morna, depois fria, depois inconsciente; os lábios, afeitos à reza, iam rezando; mas a alma, que eu espiava cá de cima, essa já não estava aqui, estava com o outro. Afinal persignou-se, levantou-se e saiu sem pedir nada. (ASSIS, 1970, p.34-35).

São Francisco de Sales, querendo demonstrar sua compaixão para com a devota de São José, sentencia que a *pobre alma do mal da terra* (ASSIS, 1970, p.35) ainda receberia a salvação de Deus. Em seguida expõe o seu caso que, segundo ele, é muito melhor.

Um de seus devotos, que leva seu nome, vem lhe suplicar a cura para sua mulher que está muito doente. Como penitência, pensa em prometer uma nova perna de cera para o santo:

— Quando pensou em vir pedir-me que intercedesse pela vida da esposa, Sales teve uma idéia específica de usurário, a de prometer-me uma perna de cera. Não foi o crente, que simboliza desta maneira a lembrança do benefício; foi o usurário que pensou em forçar a graça divina pela expectativa do lucro. E não foi só a usura que falou, mas também a avareza; porque em verdade, dispondo-se à promessa, mostrava ele querer deveras a vida da mulher — intuição de avaro; — despender é documentar: só se quer de coração aquilo que se paga a dinheiro, disse-lho a consciência pela mesma boca escura. Sabeis que pensamentos tais não se formulam como outros, nascem das entranhas do caráter e ficam na penumbra da consciência. (ASSIS, 1970, p.39).

Todavia, a avareza, sua própria e humana essência, não lhe permite prometer mais do que rezas: *a garra da avareza mordia-lhe as entranhas e não deixava sair nada* (ASSIS, 1970, p.40), até que lhe vem uma outra idéia na cabeça: *Aqui o demônio da avareza sugeria-lhe uma transação nova, uma troca de espécie, dizendo-lhe que o valor da oração era superfino e muito mais excelso que o das obras terrenas.* (ASSIS, 1970, p.42). Assim, tomado pela dor de perder a mulher, o marido decide prometer um grande número de orações como troca pela cura. Começa com trezentos padre-nossos e trezentas ave-marias e vai subindo como se estivesse dando lances em um leilão:

E repetia enfático: trezentos, trezentas, trezentos... Foi subindo, chegou a quinhentos, a mil padre-nossos e mil ave-marias. Não via esta soma

escrita por letras do alfabeto, mas em algarismos, como se ficasse assim mais viva, mais exata, e a obrigação maior, e maior também a sedução. Mil padre-nossos, mil ave-marias. E voltaram as palavras lacrimosas e trêmulas, as bentas chagas, os anjos do Senhor... 1.000 — 1.000 — 1.000. Os quatro algarismos foram crescendo tanto, que encheram a igreja de alto a baixo, e com eles, crescia o esforço do homem, e a confiança também; a palavra saía-lhe mais rápida, impetuosa, já falada, mil, mil, mil, mil... (ASSIS, 1970, p.42-43).

O duplo, nesse conto, se dá em todas as personagens envolvidas. A começar pelos santos, que adotam a forma humana para realizar suas reuniões. Não são completamente santos nem completamente humanos. Possuem duas essências – a divina e a pagã – e agem como juizes diante de réus. Como homens, questionam e riem das falhas humanas, mas como criaturas celestiais, perdoam, acreditam e intercedem junto ao Criador.

O próprio padre, consciente da sua natureza humana pecadora, sente terror de que os santos esmiúcem sua alma:

Aqui fiquei com medo; lembrou-me que eles, que vêem tudo o que se passa no interior da gente, como se fôssemos de vidro, pensamentos recônditos, intenções torcidas, ódios secretos, bem podiam ter-me lido já algum pecado ou gérmen de pecado. (ASSIS, 1970, p.35).

Os fiéis são postos como mesquinhos e de pouca crença. Aqui a crítica de Machado é sobre a fé humana e não sobre a religião. O homem é capaz de se ajoelhar, de se colocar em posição de devoção e clamar o céu para si. Mas não é capaz de abandonar sua máscara, seus vícios e bens materiais e, tampouco, de praticar ações generosas e sem intenções com seu semelhante:

Tinham já contado casos de fé sincera e castiça, outros de indiferença, dissimulação e versatilidade; os dois ascetas estavam a mais e mais anojados, mas S. Francisco de Sales recordava-lhes o texto da Escritura: muitos são os chamados e poucos os escolhidos, significando assim que nem todos os que ali iam à igreja levavam o coração puro. (ASSIS, 1970, p.33).

Noutro conto, *A Igreja do Diabo*, talvez um dos mais ácidos acerca da contradição humana, há um trecho que retrata bem estes fiéis:

– Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala e da rua, os rostos tingem-se do

mesmo pó, os lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupilas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado. Vede o ardor, - a indiferença, ao menos, - com que esse cavalheiro põe em letras públicas os benefícios que liberalmente espalha, - ou sejam roupas ou botas, ou moedas, ou quaisquer dessas matérias necessárias à vida... (ASSIS, 1938, p.91).

Em *A Segunda Vida*, o ciclo da vida se fecha ao mesmo tempo em que se abre novamente. Num certo dia, um monsenhor recebe a visita de um homem aparentemente transtornado que deseja a todo custo lhe fazer algumas confidências.

José Maria passa a relatar ao Monsenhor Caldas a sua experiência pós-mortis no céu e seu renascimento nove meses depois. A atitude do Monsenhor frente ao relato do homem que está a sua frente é de medo e descrédito em relação à suposta reencarnação, não lhe restando dúvidas que a pessoa à sua frente não passava de um doido:

Monsenhor Caldas fez um gesto de assentimento, sem perder de vista a bengala que José Maria conservava atravessada sobre as pernas. Este preparou vagorosamente um cigarro. Era um homem de trinta e poucos anos, pálido, com um olhar ora mole e apagado, ora inquieto e centelhante. Apareceu ali, tinha o padre acabado de almoçar, e pediu-lhe uma entrevista para negócio grave e urgente. Monsenhor fê-lo entrar e sentar-se; no fim de dez minutos, viu que estava com um lunático. Perdoava-lhe a incoerência das idéias ou o assombroso das invenções; pode ser até que lhe servissem de estudo. Mas o desconhecido teve um assomo de raiva, que meteu medo ao pacato clérigo. Que podiam fazer ele e o preto, ambos velhos, contra qualquer agressão de um homem forte e louco? Enquanto esperava o auxílio policial, Monsenhor Caldas desfazia-se em sorrisos e assentimentos de cabeça, espantava-se com ele, alegrava-se com ele, política útil com os loucos, as mulheres e os potentados. (ASSIS, 1984, p.70).

O descrédito do monsenhor pode ser visto como uma certa crítica ao espiritismo, do qual o próprio Machado desacreditava. Segundo essa doutrina, que foi criada na França e propagada para o Brasil, os espíritos são criados simples e ignorantes que evoluem intelectual e moralmente, passando de uma ordem inferior para outra mais elevada, até a perfeição. Para evoluir é necessário retornar a terra para cumprir com suas obrigações, tantas vezes quantas forem necessárias. Todavia, José Maria retorna não para praticar boas

ações, ou para evoluir espiritualmente, mas com um único intuito - preservar sua nova vida. E aí está o grande paradoxo: protegendo-se das ameaças à sua existência, acaba por não viver:

Singular é o motivo pelo qual ele recebe a oportunidade de recomeçar. A graça não lhe é dada por merecimento nem para cumprir missão, mas por ser a milésima alma a adentrar “no novo sol, que é o planeta dos virtuosos da terra” (ASSIS, 1984, p.69):

Lá dentro é que soube que completava mais um milheiro de almas; tal era o motivo das festas extraordinárias que me fizeram, e que duraram dois séculos, ou, pelas nossas contas, quarenta e oito horas. Afinal, concluídas as festas, convidaram-me a tornar à terra para cumprir uma vida nova; era o privilégio de cada alma que completava um milheiro. Respondi agradecendo e recusando, mas não havia recusar. Era uma lei eterna. A única liberdade que me deram foi a escolha do veículo; podia nascer príncipe ou condutor de ônibus. Que fazer? Que faria Vossa Reverendíssima no meu lugar? (ASSIS, 1984, p.70).

Tendo a oportunidade de escolher de que forma voltaria, José Maria surpreendentemente decide reviver a experiência da vida anterior a qualquer outra coisa, causando espanto entre os presentes: *Não imagina o riso universal com que me ouviram (...)* (ASSIS, 1984, p.70). Já na terra, em vez de favorecer sua vida, essa experiência acaba se tornando um fardo, pois sabendo de antemão tudo o que poderia acontecer se tomasse certas atitudes, ele foge de tudo – vegeta em lugar de viver:

– Renasci em cinco de janeiro de 1861. Não lhe digo nada da nova meninice, porque aí a experiência teve só uma forma instintiva. Mamava pouco; chorava o menos que podia para não apanhar pancada. Comecei a andar tarde, por medo de cair, e daí me ficou uma tal ou qual fraqueza nas pernas. Correr e rolar, trepar nas árvores, saltar paredes, trocar murros, cousas tão úteis, nada disso fiz, por medo de contusão e sangue. Para falar com franqueza, tive uma infância aborrecida, e a escola não o foi menos. Chamavam-me tolo e moleirão. Realmente, eu vivia fugindo de tudo. Creia que durante esse tempo não escorreguei, mas também não corria nunca. Palavra, foi um tempo de aborrecimento; e, comparando as cabeças quebradas de outro tempo com o tédio de hoje, antes as cabeças quebradas. (ASSIS, 1984, p.70).

– Tinha dezenove anos, continuou José Maria, e não imagina o espanto dos meus amigos, quando me declarei pronto a ir a uma tal ceia... Ninguém esperava tal cousa de um rapaz tão cauteloso, que fugia de tudo, dos sonos atrasados, dos sonos excessivos, de andar sozinho a horas mortas, que vivia, por assim dizer, às apalpadelas. Fui à ceia; era no Jardim Botânico, obra esplêndida. Comidas, vinhos, luzes, flores, alegria dos rapazes, os olhos das damas, e, por cima de tudo, um apetite de vinte anos. Há de crer que não comi nada? A lembrança de três indigestões apanhadas quarenta anos antes, na primeira vida, fez-me recuar. Menti dizendo que estava indisposto. (ASSIS, 1984, p.71).

Ao chegar à idade adulta José Maria conhece Clemência, por quem se apaixona. A moça tinha *uns olhos que não acabam mais, não digo no tamanho, mas na expressão*. (ASSIS, 1984, p.71). Vencido o medo inicial, pede a moça em casamento. Nesse meio tempo, ele inferniza a vida da jovem com desconfianças por causa de uma herança que um tio seu lhe deixou. A moça, ofendida, decide abandoná-lo.

Depois de resolvida a questão da herança, pois José Maria doa todo o dinheiro para a Biblioteca Nacional, e da ameaça de suicídio, Clemência, como seu nome mesmo já adianta, o perdoa e o casamento dos dois se realiza. Quando tudo parece se resolver, e o conto parece caminhar para um final romântico, José Maria começa a apresentar novamente seu medo obsessivo de tudo e de todos. Numa noite ele tem um pesadelo que o leva à beira da loucura:

– Sonhei que o Diabo lia-me o Evangelho. Chegando ao ponto em que Jesus fala dos lírios do campo, o Diabo colheu alguns e deu-mos. “Toma, disse-me ele; são os lírios da Escritura; segundo ouviste, nem Salomão em toda a pompa, pode ombrear com eles. Salomão é a sapiência. Sabes o que são estes lírios, José? São os teus vinte anos.” Fitei-os encantado; eram lindos como não imagina. O Diabo pegou deles, cheirou-os e disse-me que os cheirasse também. Não lhe digo nada; no momento de os chegar ao nariz, vi sair de dentro um réptil fedorento e torpe, dei um grito, e arrojéi para longe as flores. Então, o Diabo, escancarando uma formidável gargalhada: “José Maria, são os teus vinte anos.” Era uma gargalhada assim: - cá, cá, cá, cá, cá... (ASSIS, 1984, p.74).

Quando acorda, a primeira coisa que José Maria vê são os olhos de sua mulher. Ela, aflita, está ajoelhada diante dele (gesto de devoção?), mas ele desvairadamente associa seus olhos com o mal e enlouquece. Depois de

expor seu drama, é tomado por um acesso de loucura e, transtornado, avança sobre Monsenhor Caldas.

Disso podemos concluir que possuir o conhecimento das coisas exige, mais uma vez, um ônus. Assim como Adão e Eva foram castigados e expulsos do paraíso por terem comido o fruto proibido por Deus, da árvore da ciência (do “conhecimento do bem e do mal”), o pobre José Maria paga com sua perda de razão por antever fatos do seu cotidiano.

Ao manter suas lembranças, a personagem se torna acima dos mortais. Tem o privilégio de antecipar o seu próprio futuro, privilégio que só Deus possui. Então, naturalmente José Maria possui um caráter divino. É homem, mas também tem um pouco de Deus. E, não sabendo lidar com essa dualidade, deixa que sua natureza primitiva, o Diabo do seu sonho, triunfe.

Então o ciclo se fecha para, quem sabe, recomeçar novamente.

Assim é o homem machadiano: se erra, é porque herdou já da criação o conhecimento do bem e do mal; se vive uma vida desregrada, é porque já conheceu o mundo assim; e se tem uma segunda chance, volta a pecar, pois essa é a sua condição de homem. Anjo e demônio. Nunca um só.

Referências

- ASSIS, M. de. *Contos*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1968.
- _____. *Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1970.
- _____. *Volume de contos*. Rio de Janeiro: Guarnier. 1884. Disponível em < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000194.pdf> >. Acesso em: 05 nov 2005.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- D’ONOFRIO, S. *O texto literário: teoria e aplicação*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- GLEDSON, J. *Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GOMES, E. *Espelho contra espelho: estudos e ensaios*. Instituto Progresso Editorial S.A.: São Paulo, Sd.

Início, meio e fim - o duplo em três contos de Machado de Assis

SCHWARZ, R. A novidade das Memórias póstumas de Brás Cubas. In *Machado de Assis, uma revisão*. Rio de Janeiro: In-fólio, 1998.

_____. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 4. ed., São Paulo: Duas Cidades, 2000.

Recebido para publicação em 1 de agosto de 2008.

Aceito para publicação em 20 de outubro de 2008.